

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS HUMANIZADAS DESENVOLVIDAS NO ESPAÇO HOSPITALAR: A EXPERIÊNCIA DO PEDAGOGO NO HOSPITAL REGIONAL DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PA.

Marcela Nunes Tavares <sup>1</sup>  
Adelmo Viana Wanzeler <sup>2</sup>  
Françoayse Pinheiro Furtado <sup>3</sup>  
Daniela Santos Furtado <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo compõe-se de um relato de experiência a partir de observações feitas durante o estágio supervisionado em ambiente não escolar realizado pelos discentes do curso de Pedagogia no Hospital Regional de Cametá-HRC no Pará. Pretende-se, a partir das informações e vivências, demonstrar as possibilidades de atuação do profissional da educação dentro do ambiente hospitalar, percebendo-se espaços que demandam práticas de ensino, acompanhamento e demais atividades pedagógicas. Evidenciam-se estas possíveis ações, da atuação do pedagogo no ambiente supracitado, nas observações do trabalho da pedagoga responsável pela formação dos servidores da saúde do HRC, pois sua atuação reverbera ações que perpassam as designações contratuais, num exercício de atender às demandas que surgem no ambiente hospitalar, especificamente na área do atendimento pediátrico, em que se tem um número constante de crianças usuárias do Sistema Único de Saúde. Essas crianças permanecem em tratamento por alguns dias e assim precisam de assistência, no sentido de terem à disposição atividades lúdicas que as envolvam, na medida em que seus estados físicos permitirem. Necessitam de um processo formativo que esteja permeado de entretenimento, funcionando como instrumento mais humanizado dentro do processo de estar-se no ambiente hospitalar. As vivências construídas no período de estágio culminaram em ações no espaço da pediatria e na Campanha HumanizaSUS.

**Palavras-chave:** Pedagogia Hospitalar, Humanização, Direitos Humanos

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar as observações do estágio supervisionado em ambiente não escolar realizado no Hospital Regional do município de Cametá-PA, onde foi possível observar o trabalho desenvolvido pela Pedagoga no interior da instituição, o modo como a mesma desempenha sua função.

Compreendendo que o pedagogo em sua globalidade tem a possibilidade de atuar em diferentes espaços, por ser o profissional da educação, e essa dar-se em durante toda a vida dos sujeitos (a educação informal), nesse sentido Simson (2011), ressalta que:

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia 2016 na Universidade Federal - UFPA, [maahtavars2@gmail.com](mailto:maahtavars2@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia 2016 na Universidade Federal - UFPA, [ademowanz@gmail.com](mailto:ademowanz@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia 2016 na Universidade Federal - UFPA, [francys.fp2705@gmail.com](mailto:francys.fp2705@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora Orientadora: Mestra em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA), [dansantofurtado@gmail.com](mailto:dansantofurtado@gmail.com)

As especificidades da educação, no seu sentido mais amplo, são muitas. Entre elas a educação não-formal, uma modalidade que vem ocupando um espaço significativo no cenário nacional e que, por isso, vem merecendo atenção por parte de diferentes segmentos da sociedade. (p. 9)

Nesse sentido, destaca-se a importância do Estágio Supervisionado, pois é no período de estágio que os discentes vivenciam um pouco da realidade no contexto que realiza a incursão em ambientes, enriquecendo o conhecimento sobre a profissão, desenvolvendo a prática em conjunto com a teoria, pois são indissociáveis.

Esse Estágio nos possibilitou uma prática de conhecimento para o nosso desenvolvimento acadêmico e proporcionou uma visão de um dos campos de atuação do Pedagogo, o ambiente hospitalar.

Matos (2009) nos diz da diversidade de atuação da Pedagogia, em seus mais variados espaços,

[...] há muito que caminhar no vasto pluralismo multiforme de ações educativas que hoje estão se desenvolvendo em tantas e tão variadas dimensões do trabalho social. Uma dessas dimensões se faz existir no hospital, um contexto social que até há pouco tempo estava totalmente esquecido e escassamente atendido pelas instâncias educativas, além de ser quase completamente desconhecido para os educadores. Este é um novo setor, a respeito do qual há muito ainda por investigar, até que se consiga evidenciar a sua natureza científica e a eficácia real das novas intervenções pedagógicas e psicopedagógicas. (p. 43-44)

Nota-se que o estágio em ambiente não escolar proporciona ao acadêmico conhecer como funciona as relações interpessoais da instituição, como a pedagoga planeja, executa, coordena, acompanha e avalia a aplicação de projetos e ações pedagógicas.

Isto é, se atentando para tal situação é que a pedagogia, em sua gênese, se mostra a contribuir para a solução de tais problemas, como a falta de alteridade, por exemplo, principalmente quando se trata do lócus hospital, um lugar onde ser “frio” parece ser necessário e natural do ponto de vista de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem. Neste exato momento compreendemos a importância do pedagogo nesses espaços e de forma gradativa, segundo Matos (2009):

“[...]os hospitais vêm evidenciando esforços no sentido de que sejam realizados trabalhos multi/inter/transdisciplinares, no propósito de oferecer aos seus usuários amplo e qualificado atendimento de forma mais humanizada”. (p.21)

Essas experiências educativas não-escolares que temos de maneira breve e sucinta, mas que deixam um grande conhecimento e experiência nos permiti perceber a relação entre teoria e prática, com a qual se faz um elo indissociável e único para a formação integral do futuro pedagogo.

O pedagogo atua como intermediador entre os usuários dos serviços de saúde pública os servidores (técnicos de enfermagem, enfermeiros, médicos, agentes administrativos, agentes de serviços gerais, dentre outros), desenvolvendo um trabalho também social na instituição. Mesmo assim, é visto como um profissional que atua apenas em escolas, que não é necessário e importante tê-lo em contexto não escolar, sendo muitas vezes desvalorizado e desrespeitado nesses espaços. Entretanto, conforme Matos (2009), nos apresenta que

Atualmente, já se tem expressivos exemplos desse intento, mas especificamente na área de saúde infanto-juvenil, cujas instituições estão em busca do inovar, com ênfase ao aspecto humanístico. É o caso da solução ao problema evidenciado em contextos hospitalares pediátricos, alusivo à incompatibilidade de tratamentos prolongados de crianças e adolescentes em faixa etária escolar, em processo de escolaridade. (p. 23)

Portanto, com as observações e vivências nesse espaço que nos desperta sentimento de tristeza ao ver pessoas sofrendo em específicas crianças, mas também de alegria quando uma criança sai com a saúde recuperada, buscamos explicitar o trabalho do pedagogo não-escolar de maneira a compreender a sua identidade enquanto um profissional da educação, não apenas um professor polivalente de séries iniciais. Tal prerrogativa confirma para a autoafirmação dos estudantes de Pedagogia que muitas vezes, terminam o curso sem conhecer as oportunidades que lhes são propostas, bem como qual a sua real função nos espaços não escolares.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho está pautado na metodologia de pesquisa-ação. Ela exige um arcabouço de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. Onde os pesquisadores são apontados dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja sintonia/companheirismo por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados.

De acordo com THOLLENT (1995, p. 14 apud GIL, 2002, p. 44/45), a pesquisa ação pode ser definida como um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

As técnicas de coletas de dados foi a observação participante e a realização de entrevistas com a pedagoga. A seguir compartilhamos com você leitor os resultados da vivência experimentada pelos estagiários durante o período de estágio realizado na instituição, que fora de 19 de novembro de 2018 a 23 de dezembro de 2018.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pedagoga do Hospital Regional de Cametá realiza ações formativas aos servidores, atividades pedagógicas com as crianças internadas na clínica pediátrica e também campanhas do HumanizaSUS com informações de prevenção e controle de doenças para o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos sujeitos que perpassam pelo hospital todos os dias. Por não possuir uma sala específica para realizar as atividades com as crianças (a exemplo uma brinquedoteca) a Pedagoga realiza suas ações no corredor enfermagem pediátrica.

Percebemos que é de fundamental importância o papel da Pedagoga para intermediar tanto a relação com os profissionais quanto com os pacientes (as crianças). Com um olhar mais humanista procura ajudar e agilizar no atendimento e em caso de demora no atendimento dos usuários de saúde, vai lutar em favor das pessoas, pais ou acompanhantes que não possuem informações suficiente para exigir seus direitos.

### ▪ **Desafios da prática e na formação inicial**

Quando indagada sobre como foi para ela ter chegado ao Hospital Regional de Cametá-PA se essa escolha foi tecida desde a graduação e em que momento ela se constituiu a pedagoga respondeu que:

Cheguei no hospital através do concurso 175 que fiz pela SESPA em 2004, fui chamada em 2008. Ela [a escolha pela instituição] não se constitui dentro da minha graduação, na verdade, eu nunca pensei que um dia eu pudesse estar trabalhando no hospital, nunca se passou pela minha cabeça que o pedagogo pudesse trabalhar no hospital e que nem eu viria para o hospital. (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018)

Em sua fala a Pedagoga deixa claro o contraste entre a formação do curso de Pedagogia no Século XX (século de sua formação) e do Século XXI (século de nossa formação), pois nos anos 1980 não se falava na possibilidade de atuação do pedagogo em ambientes não escolares, pois, tinha-se a visão de que o pedagogo é aquele profissional responsável por dar aulas às crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, deixando de lado, assim, a Educação Não Formal, conforme Gohn (2005) nos diz que:

Até os anos 80, a educação não-formal foi um campo de menor importância no Brasil, tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores. Todas as atenções sempre estiveram concentradas na educação formal, desenvolvida nos aparelhos escolares institucionalizados. Em alguns momentos, algumas luzes foram lançadas sobre a educação não-formal, mas ela era vista como uma extensão da educação formal, desenvolvida em espaços exteriores às unidades escolares”. (p. 91)

No entanto, a Pedagoga ressalta que mesmo sem ter cursado as disciplinas de Pedagogia em Ambientes Não Escolares e também o Estágio Supervisionado em Ambientes Não Escolares, o curso de Pedagogia através do conhecimento teórico dar o embasamento teórico que possibilita atuar em ambientes não escolares.

Mas asseguro que o curso de Pedagogia nos dar embasamento para que possamos atuar em ambientes não escolares, embora eu nem tenha cursado a disciplina pedagogia no ambiente não escolar e nunca também fiz estágio, mas as disciplinas: Filosofia, que questiona a educação; a disciplina de Planejamento; a própria Didática; Psicologia; História da Educação; os Fundamentos [os FTMs] eles nos embasam para que possamos atuar em ambientes não escolares. (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018)

Quando indagada se já tinha se visto diante de algum desafio em que não tinha formação para saber lidar a pedagoga nos relatou um caso que aconteceu logo quando começou a trabalhar na instituição “[...] uma vez, logo o início aqui, eu coloquei as crianças para brincar e fui buscar lanche na copa e dei para elas, e elas seriam operadas e não era para eu dar, fiquei desesperada, o doutor suspendeu a cirurgia [...]”, que foi chamada a atenção pelo médico que iria realizar a cirurgia nas crianças. O ocorrido serviu de aprendizado, pois segundo ela, nunca mais se repetiu.

- **O papel do pedagogo no ambiente hospitalar**

Quando perguntamos sobre qual seria o papel do Pedagogo no ambiente hospitalar a mesma nos surpreendeu em sua resposta, pois imaginávamos que ela trabalhasse apenas com as crianças hospitalizadas, mas não, segundo ela suas “atribuições de concurso são o planejamento e organização da questão da capacitação para os servidores. Organizar, planejar, articular, viabilizar a escolarização para os servidores, verificar as capacitações”. Porém nem sempre essas formações acontecem mensalmente, pois depende de recursos do governo para trazer palestrantes, ou no caso de viagem para a capital do estado, ou mesmo, fora do estado, pois demandam a solicitação de diárias, que nem sempre o Governo Estadual disponibiliza, conforme ela nos diz:

Preciso ter garantias de diárias para eles e nem sempre eu tenho esse recurso, eu preciso também trazer alguém, aí se a pessoa não vem voluntariamente eu preciso fazer uma solicitação para que elas sejam remuneradas, receber para poder executar esse serviço de ministrar um curso, então, muita das vezes eu dependo de uma dotação orçamentária, mas eu não tenho. (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018)

Já o trabalho realizado com as crianças internadas na Pediatria, nos revela que foi uma atitude dela por perceber a necessidade e mesmo para não ficar parada sem fazer nada, pois, “se não dar par fazer todo mês o curso eu não vou ficar aqui só sendo uma figura contemplativa”. Desse modo, procurou auxiliar as crianças, “mas o que está no concurso mesmo é a questão da capacitação para os servidores”.

#### ▪ **Projetos e práticas desenvolvidas**

A Pedagoga não possui uma Classe Hospitalar porque recebe crianças que ficam 3 a 5 dias, desse modo não há como formar uma Classe, segundo ela “a Classe Hospitalar é mais nesses hospitais que as crianças são vítimas de câncer, por exemplo tem um hospital-escola no Paraná, lá as crianças estão fazendo tratamento de câncer e ficam muito tempo lá, e por isso elas tem a classe hospitalar [...]”, completa ainda que “no Hospital Regional eu não tenho uma classe escolar, tenho crianças que veem ser tratadas por diferentes sintomas: diarreia, pneumonia[...]” (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018).

Segundo a Pedagoga da instituição, em entrevista cedida a nós, ela diz que

Numa classe escolar eu teria que ter: eu enquanto pedagoga, um professor de português, de matemática, das diferentes disciplinas, aí eu teria que acompanhar o currículo da escola e trazer para cá, fazer uma seleção de professores para atuarem aqui, aí eu coordenaria enquanto pedagoga desta

instituição, eles trabalhariam aqui, mas com as crianças que estão em tratamento de longo período (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018).

Nesse sentido, a Pedagoga realiza com as crianças atividades pedagógicas com o objetivo do desenvolvimento da socialização, da cognição e da coordenação motora, além de, propiciar momentos de prazer e de alegria. Quando as crianças já estão matriculadas em atividades de unidade escolar a pedagoga procura verificar a questão da leitura, através de exercícios e quando elas estão em fase de prova, geralmente, solicita aos pais trazerem os cadernos, segundo ela “ano passado aconteceu duas vezes que foi uma menina que estava em período de provas e eu sugerir a mãe dela trazer os cadernos dela para que ela quando saísse e fosse fazer a prova [...] a mãe dela trouxe, era geografia e português que ela disse que seria logo [...]”. Como se deu essa ação? A Pedagoga conversou com a garota, explicou o assunto e depois fez uma espécie de prova, como se fosse na escola. Segundo ela é muito difícil acontecer, pois, “geralmente as crianças que vêm elas não estão em idade escolar, de prova, de atividade, ou então só em idade escolar, mas não estão em período de prova”.

Com relação à questão de seguir alguma diretriz, projeto político ou outro projeto, a Pedagoga nos informou que tenta seguir os princípios da Política Nacional da Humanização, e também a questão da alteridade, se colocar no lugar do outro, de compreender que temos que tratar com humanidade aqueles que precisam do hospital, segundo ela “quando a pessoa que chega aqui, ela vem porque ela precisa, ela não vem a passeio, então procuro seguir essa questão da diretriz” (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018).

Nesse sentido, perguntamos como é sua relação com a criança atendida? Como as crianças reagem diante dessa oferta de ensino hospitalar? A resposta foi a seguinte:

Primeiro, inicialmente elas não se abrem logo, não, elas ficam fechadinhas. Hoje a Juceli me deu um abraço quando ela me viu. Tens uns que ficam ali... é de vagar essa relação, eles estão com medo, [com] a roupa branca, eles pensam que a gente vai aplicar injeção, ficam meio arredias, é devagar essa relação, muito devagar.  
(PEDAGOGA DO H.R.C., 2018)

Além dessa mudança no comportamento das crianças, que correspondem como produtos de seu trabalho na instituição, a Pedagoga percebe mudanças também no comportamento dos acompanhantes, pois, conforme percebemos em sua fala “percebo que as mães, sobretudo as do interior, elas gostam de fazer, também as da cidade, mas mais as do interior, elas têm curiosidade de saber o que que a gente está fazendo, o que é aquele quebra-cabeça [...]” (PEDAGOGA DO H.R.C., 2018).

- **Reflexões teóricas a respeito da vivência em ambientes não escolares**

O estágio em ambiente não escolar nos possibilita ter um olhar e conhecimento do papel de um pedagogo que estar para além da sala de aula e trabalhar apenas com crianças, vivenciar num contexto hospitalar de muitas emoções com ambiente instável de preocupação, dor e alívio quando um paciente se recupera, tendo que ser forte para não tornar as coisas mais piores.

A Pedagogia Hospitalar aponta, ainda, mais um recurso contributivo à cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem-estar, ao resgate da humanização e da cidadania. (MATOS, 2009, p. 29)

Nos trabalhos realizados na pediatria tem objetivo de levar mais alegria e fazer as crianças sorrirem, como não é uma sala de aula, as atividades são de acordo com o estado do paciente e a idade, sendo utilizado brincadeiras lúdicas principalmente.

Cabe destacar que a doença não pode ser vista como fator de descontinuidade ao processo de educação formal da criança e do adolescente em idade de escolarização, respeitadas as singularidades de cada caso específico no contexto essencial em que está inserida, ainda que provisoriamente. (MATOS, 2009, p. 30-31)

As relações interpessoais entre os funcionários (médico, enfermeiro, técnico etc....) e também de enfermeiros, médicos e paciente é muito distante, tornando muitas vezes inviável para as pessoas desfavorecida com pouco conhecido, tendo que ter intervenção da pedagoga para um melhor atendimento e evitar uma piora no quadro das crianças. Há ainda que se considerar que os procedimentos conservadores da maioria dos hospitais sempre contribuíram, e ainda hoje contribuem, para que a sua realidade se mostre fria, impessoal e impregnada de carência de afetividade (MATOS, 2009, p. 21).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O atual contexto social e o crescente acesso tecnológico têm mudado o quadro educacional e a formação exigida aos discentes, não só isso, ou seja, ao Pedagogo, o profissional da educação, exhibe-se novas possibilidades de atuação, uma dessas é nos ambientes não escolares, como: OGNs, CRAS, CREAS, DEMUT, presídios, hospitais etc. Para isso, na formação inicial, o estágio supervisionado se constitui como uma oportunidade

de se construir uma prática pedagógica que vá além da simples aplicação de métodos e recursos e sim como uma experiência de percepção, reflexão e ação pautada no diálogo com o arcabouço teórico e orientada pelo conhecimento construído nas disciplinas do curso de licenciatura.

O estágio em ambientes não escolares possibilita aos discentes/estagiários uma aproximação ao local de atuação, pois, segundo SCALABRIN; MOLINARI (2013, p.2), “o estágio significará um passo importante ao estagiário para ter a capacidade de se encontrar com a realidade social da educação e, a partir desta relação, começar a preparar o seu amanhã como profissional da educação, fazendo realmente a diferença onde quer que se encontre”.

De todo modo, as experiências vivenciadas neste estágio nos possibilitaram um amadurecimento profissional bastante significativo, pois, pode-se perceber na prática as funções do Pedagogo no ambiente não escolar, em específico no Hospital Regional de Cametá-PA, bem como, os desafios de sua atuação, as relações interpessoais, e a importância de seu trabalho para com os servidores da instituição e os usuários do Sistema Único de Saúde – SUS, principalmente o acompanhamento pedagógico realizado com as crianças hospitalizadas, que encontra-se em pleno processo de construção e desenvolvimento das potencialidades educativas e do imaginário infantil.

A educação é uma prática que se faz necessária não só para a existência humana como também para os desenvolvimentos de todas as sociedades, promovendo aos seus membros experiências culturais, o que os tornam capazes de atuar no meio social e transformá-lo em função de suas necessidades. Portanto, essas foram as conclusões possibilitadas pelo estágio, porém, essas conclusões são uma interpretação possível. Os dados estão expostos e abertos a novas interpretações.

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação**: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Sociedade em Debate*, v. 7, n. 2, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. 3º ed. – São Paulo, Cortez, 2005.

MATOS, Elizete L. M.; FREITAS, MUGIATTI, Margarida M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. 4ª ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Revista Unar, v. 7, n.1, 2013.

SIMSON, Olga R. de M. Von; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (Orgs.). **Educação Não-Formal: cenários da criação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2011.